



O homem e o molho de lenha

Uma história africana que nos chega do Zaire mostra um homem idoso que avança penosamente por um caminho com um molho de lenha às costas, que leva para a sua aldeia. O molho pesa, o homem está cansado. Apoiase numa bengala grosseira. Pára de vez em quando para recobrar

alento e pousa o molho no chão, ao seu lado. Durante uma dessas pausas o homem abre a boca para dizer ao molho:

— Não aguento mais... Tantas vezes na minha vida transportei um molho como tu... Todo contente, quando era jovem. Sem esforço, quando era homem maduro. Mas, ai de mim! agora, que a idade chegou, as forças abandonaram-me e levarte é um verdadeiro suplício...

O homem queixa-se assim durante algum tempo e de repente parece-lhe ouvir uma voz estranha que vem da lenha e que lhe diz:

— Ouves-me? Ouves-me?

— Quem está a falar? — pergunta o velho, endireitando-se.

— Sou eu — responde-lhe o molho de lenha. — Eu, o molho, aqui ao teu lado. Quem é que havia de ser? Bem vêes que estamos sozinhos, tu e eu.

— És um molho falante? — pergunta o homem.

— Não falo muitas vezes — responde o molho. — Mas hoje, ouvi os teus queixumes e, por uma vez, pude falar. Acontece que, em certas circunstâncias, os molhos de lenha têm o direito de falar.

— E que me queres dizer?

— Oh, muito fácil — responde o molho. — Se estás demasiado esgotado para me levar, sobe para as minhas costas e eu levo-te a ti.

— E podes fazer isso?

— Naturalmente, se to proponho! Não faço isto todos os dias, mas em certas ocasiões muito raras, posso, posso fazer isso. Olha, repara.

O estupefacto velho, que nunca tinha ouvido falar de semelhante fenómeno, vê então o molho levantar-se lentamente e ficar de pé à sua frente. Apoia-se em três ou quatro dos ramos que o constituem e esses ramos mexem por baixo dele, como se fossem umas perninhas.

— Mas... estás a andar! — exclama o velho. — É mesmo! Aguentas-te de pé e andas!

— Já te tinha dito — retorquiu o molho. — Agora, levanta-te, não tenhas medo, agarra-te a mim e eu levo-te. Tens a certeza?

Claro. Já me transportaste tu muito tempo. Está na altura de eu te prestar o mesmo serviço. Anda, monta.

O molho inclina-se ligeiramente para a frente, como um cavalo à espera do cavaleiro. O homem levanta-se, lutando contra os seus receios, e instala-se o melhor que pode entre os ramos, apoiando os pés nas asperezas da madeira. Abre os braços para se agarrar ao molho, coloca a cara entre as folhas ainda agarradas aos ramos.

— Então, estás bem? — pergunta-lhe o molho.

— Estou muito bem — responde o homem.

— Então, vamos lá — diz o molho. — Tem cuidado.

O molho baixa-se para apanhar a bengala a que se apoiava o velho e, suavemente, põe-se a caminhar, um passo após o outro. Os ramos estalam

um pouco, mas o conjunto aguenta-se bem. O molho avança pelo caminho adiante, carregando o velho apoiado na bengala.

O velho fecha os olhos. A sua boca entreaberta sorri. Dir-se-ia um macaco a descansar, agarrado a uma árvore ambulante.

Foram avançando durante algum tempo. De repente, alertado por qualquer mudança no andamento do molho, o homem abre os olhos e passa-os em redor. Vê que a paisagem mudou, que já não vão pelo caminho. Naquele momento avançam através de um matagal verdejante e dirigem-se para uma floresta.

— Ei! — diz o homem.

— Que é? — pergunta o molho.

— Para onde vamos? Já não estamos no caminho.

— Bem sei — responde o molho.

— Já não vamos para a aldeia?

—
Porque havia eu de ir para a aldeia? — pergunta o molho.

— Porque é lá que eu moro. É lá que vive a minha família! A família que espera que eu chegue antes que caia a noite! Antes da hora a que saem as feras.

— Tens medo das feras? — pergunta o molho.

— Naturalmente, tenho medo das feras. Toda a gente tem medo das feras.

— Eu, não — disse o molho continuando a caminhar. — Eu cá não tenho medo das feras.

— De que é que tens medo?

— Tenho medo dos homens — responde o molho. — Tenho medo do destino que me reservas na tua aldeia, se eu te levar para lá. É que sei muito bem o que vais fazer de mim. Vais dar as minhas folhas a comer aos teus carneiros e às tuas cabras. E depois vais-me partir aos bocadinhos e vais-me queimar, pronto. É disso que têm medo os molhos de lenha.

O velho fica um momento calado, a pensar nas palavras que acaba de ouvir, e a seguir pergunta:

— Para onde me levas?

— Tu ias-me levar para a tua aldeia — responde o molho. — Pois bem, eu faço a mesma coisa. Levo-te para minha casa, para a minha floresta. Onde nasci. Onde vive a minha família.

E que vais fazer de mim? Vais-me queimar?

— Porque havia eu de te queimar? De me arriscar a pegar fogo a todas as árvores da minha família? Não, quando chegarmos vou-te abandonar no meio da floresta. Entrego-te aos animais selvagens, que farão de ti o que quiserem.

— Não! — exclama o velho. — Suplico-te! Não me deixes na floresta! Já te disse, tenho medo das feras. Deixa-me descer, deixa-me descer.

Como se tivesse atendido as súplicas do velho, o molho pára. O homem desce, o mais depressa que pode, até pisar o chão. Fica a olhar para o molho e o molho, com os seus olhos de pau, a olhar para ele. O Sol desce no horizonte. Ouve-se ao longe o ulular dos animais.

— Como fazemos? — pergunta o velho.

—Agora? — responde o molho com uma voz que parece cada vez mais fraca, como se estivesse a apagar-se. Que queres tu que façamos? Cortaste-me, amarraste-me, já não sirvo para nada. Vá, volta a pôr-me às costas e leva-me para a tua aldeia.

—Achas? — pergunta o homem.

—Despacha-te — responde o molho.

O homem hesita ainda alguns momentos, como se não compreendesse o que lhe diziam. Depois, tão depressa quanto pode, põe o molho às costas, apanha a sua bengala grosseira, dá meia-volta, encontra o caminho e toma a direcção da aldeia.

Caminha o mais depressa que pode com as suas velhas pernas trémulas. Está atrasado. Por momentos, chega a parecer-lhe que teria adormecido por pouco tempo na beira do caminho. As suas pálpebras estão pesadas. A noite cai. Vê as duas ou três primeiras estrelas aparecerem no céu violeta, estrelas que ele reconhece, mas cujos nomes esqueceu.

Os animais selvagens uivam cada vez mais alto no mato. Ruídos furtivos correm à sua volta, nas sarças.

O homem mexe as pernas tanto quanto pode. Tenta não pensar nos joelhos, cada vez mais doridos. Arqueja. Os ramos do molho magoam-lhe os ombros, mas, curiosamente, já não sente o cansaço. Sabe que o repouso o espera. Por fim, vê uma luz ao longe e sabe que essa luz arde na sua aldeia, onde toda a sua família e o seu gado se preparam para o receber.

— Não estás zangado comigo? — pergunta ele ao molho. — Tens a certeza que não ficas zangado comigo?

Mas o molho de lenha às suas costas permanece em silêncio.

Aprender a pescar

Lao-Tsé disse, numa frase célebre: «Em vez de dar um peixe a um homem com fome, melhor é ensiná-lo a pescar.»

Assentando neste preceito, um jovem monge, que certo dia voltava da pesca com sete ou oito peixes na sua rede, encontrou um velhinho que parecia morrer de fome e estendia a mão na beira do caminho.

O monge tratou então de lhe explicar com todo o pormenor como escolher um bambu, como talhar uma cana de pesca com o comprimento adequado, como escolher o fio, um anzol, o isco, para que sítio do rio ir.

E assim por diante. Ia já na parte em que explicava como encontrar as minhocas preferidas de certos peixes quando o o homem faminto deixou cair a mão estendida, inclinou a cabeça e morreu.

A casa demasiado pequena

A uma mulher que se queixava de ter que viver, mais a família, numa casa absolutamente exígua, um homem judicioso aconselhou o seguinte:

- Pega nas tuas galinhas e mete-as dentro de casa contigo.
- As minhas galinhas? Dentro de casa?
- - Faz o que te digo.
- Queres que eu meta as galinhas dentro de casa? Que as traga comigo?
- Isso.
- A mulher deixou-se convencer. Transportou para o interior da habitação, não sem vociferar, todos os locatários da capoeira. Feito isto, o homem disse-lhe:
- Agora, vai buscar as ovelhas e mete-as dentro de casa.
- As nossas ovelhas? Dentro de casa?
- Faz o que te digo.
- Todas as nossas ovelhas?
- Isso.

A mulher obedeceu-lhe segunda vez e transportou todas as ovelhas que ela e o seu marido possuíam (umas dez) para dentro de casa, onde elas ficaram apertadas umas contra as outras.

O homem mandou-a então fazer a mesma coisa com o burro. Ela protestou, mas obedeceu. O burro foi instalado no interior da casa, com as ovelhas e as galinhas, não sem uma certa dificuldade.

- Agora — disse-lhe o homem — vai buscar o vosso camelo e trá-lo para dentro de casa.
- O camelo? Dentro de casa?
- Faz o que te digo.

A mulher obedeceu-lhe mais uma vez. Levou o camelo para dentro de casa (foi preciso uma hora de esforços e a ajuda de vários vizinhos para que ele consentisse em entrar) e assim se passaram vários dias.

Depois o homem, o conselheiro, disse à mulher:

- Esta noite, ouve-me bem, por volta das três ou quatro horas, tiras todos os animais da tua casa e vais pô-los onde estavam antes.

A mulher fez o que o homem lhe pedia.

Na manhã do dia seguinte, andava ela de uma divisão para outra, exclamando:

- Que grande que é a minha casa! Que grande que é a minha casa!

O sentido da partilha

Uma fome terrível tinha-se abatido sobre a região e uma boa parte da população ameaçava morrer na miséria. Contudo, os ricos, que tinham tido o cuidado de encher os seus celeiros e as suas adegas, continuavam a levar a mesma vida próspera.

A mulher de Nasreddin disse-lhe então:

— É uma vergonha! Metade da população é de ricos ou abastados, ao passo que a outra metade não tem sequer que comer! As crianças ficam ressequidas e morrem! Até os ratos dos pobres têm fome! Não podes fazer nada?

— Que queres tu que faça?

— Não poderias convencer os ricos a partilhar com os pobres? Tu, que toda a gente considera um homem hábil, não poderias tentar estabelecer a solidariedade, a entreaajuda?

— Tens razão, mulher — disse Nasreddin. — Vou tratar disso neste mesmo instante.

Saiu de casa e só voltou cinco ou seis dias mais tarde. Parecia esgotado. Quase não conseguia falar.

— Então — perguntou-lhe a mulher —, cumpriste a tua missão?

— Missão cumprida — respondeu ele.

— Conseguiste convencê-los a aceitar uma divisão justa?

— Consegui. Consegui metade.

— Como assim, metade?

— Convenci os pobres.

A bilha rachada

Antes de chegarmos ao fim — que já está bem próximo — e em honra das histórias que esqueci, aqui vai uma de que gosto particularmente:

Um aguadeiro, algures na Índia, transportava a água de uma nascente para uma aldeia. Carregava o seu fardo em duas bilhas presas a uma barra de madeira de cada lado dos seus ombros.

A bilha que levava à direita estava intacta e chegava sempre cheia à aldeia, mas a bilha da esquerda, rachada, perdia metade da água pelo caminho.

Isto durou vários anos. O homem não tinha meios para comprar outra bilha. Um dia a bilha rachada resolveu dizer ao aguadeiro:

— Tenho vergonha da minha imperfeição e peço-te desculpa. Perco a água que devia guardar. A sério, tenho vergonha, podes crer.

O aguadeiro olhou para o recipiente e disse-lhe:

— Na nossa próxima viagem, vais a olhar para o lado esquerdo do caminho, o teu lado.

— E que verei? — perguntou a bilha.

— Verás as flores a que a tua água perdida, durante todo este tempo, deu vida.